

A Pessoa do Pesquisador de IHC em Foco: refletindo sobre o desenvolvimento de competências e habilidades

Carla Faria Leitão¹

A formação do pesquisador, em qualquer área científica, envolve um processo árduo e longo de aquisição e elaboração de conhecimentos teóricos, técnicos e metodológicos. Há, contudo, uma outra faceta da formação, relacionada ao desenvolvimento de habilidades e competências em um nível mais pessoal, que se soma ao processo intelectual e cognitivo da formação de um pesquisador. Essa faceta, em minha percepção, vem sendo pouco discutida no contexto da formação em IHC, provavelmente como consequência de sua origem e inserção no campo da **Ciência da Computação, que valoriza técnica, lógica, neutralidade e objetividade**. Este breve artigo busca **levantar alguns aspectos humanos e subjetivos importantes para a formação do jovem pesquisador de IHC**, posto que se entrelaçam fortemente com a prática da investigação científica.

Uma habilidade a ser desenvolvida é a de **lidar com a diversidade e a heterogeneidade**. Embora essa habilidade seja importante em qualquer dimensão de nossa existência, o pesquisador de IHC vê-se diante dessa questão desde o início de suas atividades, uma vez que a **área tem a priori e por definição um objeto de estudo de natureza híbrida e heterogênea**. Um pesquisador de IHC terá que conviver simultaneamente com a imprevisibilidade e inexatidão do ser humano e com a regularidade e previsibilidade algorítmica dos sistemas computacionais interativos. A natureza simultaneamente humana e computacional do objeto de estudo demanda criação e adaptação de processos e produtos de pesquisa distintos que não se encaixam exatamente nem no paradigma das ciências humanas nem no das ciências exatas e tecnológicas. Em outras palavras, o pesquisador de IHC deve desenvolver um olhar sensível à diversidade para harmonizar as diferenças de natureza de seu objeto de estudo. E isso não é tão fácil quanto parece, pois coloca o pesquisador distante da zona de conforto que sua formação prévia, compartimentalizada e disciplinar lhe oferece. No contexto acadêmico, somos preparados para lidar com semelhantes e para pensar e agir de acordo com a cultura de nosso campo disciplinar. O objeto de IHC exige o contato com valores e culturas híbridas.

A natureza do objeto de estudo de IHC remete, portanto, à questão da **interdisciplinaridade**. Parece não haver discordância quanto ao fato de que esse objeto de estudo é **interdisciplinar e que conhecimentos oriundos de diferentes campos contribuem para a área**. Não desenvolvemos, contudo, habilidades para fomentar e lidar com a interdisciplinaridade. Nesse ponto, falo por experiência própria, como pesquisadora com formação em ciências humanas. Em princípio, quando me aproximei da área de IHC, reduzi as habilidades e competências para a prática interdisciplinar ao espírito colaborativo e à

¹ Departamento de Informática - SERG – PUC-Rio - Rio de Janeiro/RJ.
cfaria@inf.puc-rio.br

habilidade (acima discutida) de lidar com a diferença. Elas seriam suficientes se consideramos a prática interdisciplinar como uma adição de conhecimentos de diferentes campos de saber. Mais de dez anos depois, vejo o quanto isso, por várias razões, foi uma percepção simplista. **A produção de conhecimento interdisciplinar é a transformação de conhecimentos advindos de diferentes áreas em algo novo, e não simplesmente a adição e articulação de antigos componentes.** E essa transformação é um processo muito complexo que exige que os pesquisadores envolvidos desenvolvam **humildade**. De minha ótica, inicialmente, no contexto de IHC, faz-se necessário o exercício da humildade para compreendermos que, embora o produto da pesquisa de IHC seja de fato interdisciplinar, é muito difícil para pesquisadores externos à ciência da computação perceberem e considerarem a área de IHC *em si mesma* como interdisciplinar. Para pesquisadores formados no contexto das ciências humanas e sociais, por exemplo, a área de IHC é comumente percebida como um campo de pesquisa disciplinar, *solidamente enraizado* no interior da ciência da computação. A maior atratividade de pesquisadores de outras ciências para o campo de IHC estará fortemente relacionada ao esforço que os pesquisadores em formação poderão empreender para tornar a área mais ‘palatável’ e compreensível para outras culturas científicas. Com humildade, o pesquisador de IHC em formação deve estar atento para o desenvolvimento de sua **habilidade de pensar sobre limites de sua competência** e sobre as formas de parceria e de cooperação interdisciplinar. Preocupa-me, em particular, a apropriação de conhecimentos de outros campos disciplinares como se os conhecimentos já estivessem prontos para apropriação sem transformação ou contextualização. Nem sempre uma lacuna de conhecimentos pode ser suprida pelo contato com trabalhos científicos de outras disciplinas. Várias perguntas que direcionamos a outras áreas de conhecimento para responder a questões de pesquisa de IHC *não* podem ser respondidas pela mera apropriação cognitiva teórico-conceitual. **Muitas delas ainda precisam ser exploradas, revisitadas e investigadas, posto que o todo interdisciplinar é muito mais complexo do que soma das partes. Um conhecimento interdisciplinar é uma construção nova e negociada.**

Finalmente, gostaria de enfatizar o desenvolvimento da criatividade do pesquisador de IHC em um contexto no qual criação e flexibilidade são comumente ignorados, se não desestimulados e vistos com desagrado: **a criatividade e flexibilidade** nos métodos de pesquisa. Muito frequentemente observo, na área de IHC, que a valorização da criatividade focaliza a qualidade e a inovação do *produto* da pesquisa. Por outro lado, quando se fala do processo, ou seja, do método que levou à construção e validação do produto, rigor e replicabilidade são mais comumente as palavras de ordem, possivelmente como consequência da vertente matemática e lógica da computação. Mesmo quando a formação inclui o aprendizado de métodos qualitativos de investigação, com frequência observo que há expectativa de importação de procedimentos e passos de modo a replicar uma rotina metodológica que exclui o pesquisador da autoria e da criação no campo metodológico. Minha formação em ciências humanas e em pesquisa qualitativa me leva a questionar essa posição e a incentivar os pesquisadores da área de IHC a desenvolverem seu potencial criativo também na construção metodológica das pesquisas que conduzem. A habilidade de refletir sobre o processo de produção de conhecimento – ou seja sobre o design

metodológico –, criando processos inovadores de produção, certamente agregará qualidade e inovação à pesquisa. O método deve sempre garantir a rastreabilidade do raciocínio do pesquisador e dos passos de execução da pesquisa, certamente com rigor, mas sem esterilidade e rigidez. Em sua origem etimológica, método (*methodus*) significa caminho (*hodus*) por/através de (*meta*), ou seja, implica apenas no caminho construído para produzir ciência. O desenvolvimento da habilidade criativa sobre o *processo* de produção certamente agregará inovação e criatividade ao produto.



Carla Leitão é Mestre e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Desde 2002 atua na área de IHC, como pesquisadora-sênior do Semiotic Engineering Research Group (SERG), no Departamento de Informática da PUC-Rio. Uma das pioneiras na contribuição interdisciplinar da psicologia à área de IHC no Brasil, é co-autora de artigos e dois livros internacionalmente publicados sobre Engenharia Semiótica.